

ANNA COMNENA (1083-1153) E OS ASPECTOS DA CONCEPÇÃO BIZANTINA DE HISTÓRIA: O DIÁLOGO COM OS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE

Elaine Cristina Senko*

Resumo: A historiadora bizantina Anna Comnena (1083-1153) foi uma das primeiras testemunhas na extra latinidade a observar o movimento de cruzadas. Além disso, nos chama a atenção sua biografia de vida, de como uma princesa se tornou patrocinadora de um grupo de leituras clássicas em Constantinopla. Assim participando da transladação dos estudos, Anna Comnena se destaca pela astúcia que tivera em continuar a *Alexíada* e nos relegando uma obra de precioso valor historiográfico.

Palavras-chave: Anna Comnena. Constantinopla. *translatio studiorum*

Abstract: The byzantine historian Anna Comnena (1083-1153) was one of the first witnesses to watch the extra latin movement crossed. Moreover, in his biography draws attention to life, like a princess becomes the sponsor of a group of classic readings in Constantinople. So participating in the translation of those studies, Anna Comnena stands by the cunning that he had to continue *Alexíad* and relegating a precious work of historiographic value.

Keywords: Anna Comnena. Constantinople. *translatio studiorum*

Que a historiografia possui suas raízes na Antiguidade Clássica, entre renomados autores como Heródoto e Tucídides, não há grandes discordâncias; porém, que esse modo de se pensar e analisar o passado sofreu transformações na Idade Média, é também um fato presumido, pressuposto digno de nossa ponderação. Não se trata aqui de afirmar ou apontar mudanças totalmente drásticas nesse trajeto, mas sim de considerar que o medievo trabalhou com a tradição clássica, adequando e atualizando seus ditames em função de novos e respectivos contextos sociais, políticos e culturais. Ora, e quando falamos de Idade Média, não consideramos apenas o ambiente latino, mas o universo muçulmano, judeu e, no caso específico do presente estudo, o ambiente bizantino. Todos esses espaços, vale a pena recordar, sofreram a influência da tradição clássica, tendo em vista o movimento chamado de *Translatio Studiorum*: a transladação dos estudos antigos que, de sua origem na Grécia e Roma clássicas, atingem Harran e se bifurca de um lado para Bizâncio e, para o outro, segue um caminho particular: de Bagdá, passa por Córdoba/Cairo, depois Toledo-Paris-Praga. Como vemos o percurso é longo, por isso permanecemos de momento em seu desdobramento bizantino, tendo por objeto de estudo as considerações historiográficas propostas por Anna Comnena (1083-1153) em sua obra *Alexíada*. Dessa forma, propomos analisar seus pressupostos teóricos e metodológicos, bem como a relação que a autora mantém, seja de proximidade ou afastamento, para com a tradição dos clássicos da antiguidade.

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos. Bolsista CAPES/REUNI UFPR. Email: elainesenko@hotmail.com. Recebido em: 25/09/2011. Aceito em: 28/05/2012.

Pois bem, quando temos em mente um estudo sobre determinado personagem e seu pensamento, devemos antes de tudo realizar um exercício prévio de aproximação, ou seja, de conhecimento da vida do respectivo homem/mulher em questão, buscando informações que possam reviver em nossas mentes o tempo passado e, assim, nos orientar uma melhor e mais compreensiva reflexão. Lembremos, para reforçar esse pensamento, da seguinte colocação de Jean Orieux, em *A Arte do Biógrafo*, acerca do trabalho biográfico:

Em suma, com um trabalho de formiga, tempo, solidão e um grão de loucura, mais um pouco de sorte, conseguimos fazer surgir poeira dos velhos papéis um personagem até então destruído. Temos então a alegria de ver a múmia ganhar vida, de fazer saltar os cadeados do esquecimento e as crostas dos preconceitos, sob as quais Voltaire ou Talleyrand jaziam desfigurados. Após anos de silenciosa intimidade, ousamos – não sem uma certa audácia – dizer ao nosso personagem: “Levanta-te e caminha”. Se entre ele e o biógrafo tudo correr pelo melhor, poderemos vê-lo caminhar, bem vivo, entre leitores igualmente vivos, que o recebem, que, por vezes, o compreendem e chegam até a acarinhá-lo. É este o segredo da arte da biografia. (ORIEUX, 1986, p.41-42).

Portanto, como parte fundamental ao nosso trabalho, devemos contemplar um estudo da “vida” do personagem analisado, mas não apenas... Como a vida não se faz alheia ao mundo social, voltamos nossos olhos ao contexto também. De fato, como esclarece Benito Bisso Schmitt em seu ensaio *Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos*, os historiadores hoje mesclam o estudo do indivíduo em análise junto ao contexto no qual ele está envolvido, problematizando a relação entre ambos (SCHMITT, p. 1-17, 1997). Assim a biografia ganha espaço atualmente nos estudos historiográficos:

A biografia é um gênero em voga como nos mostram as livrarias. À primeira vista pode parecer normal: afinal de contas, a história é a princípio aquela dos homens que a viveram. No entanto, a biografia não teve um espaço seguro no âmbito da historiografia. Embora apreciada do grande público e dos romancistas, ela suscitou a indiferença e a desconfiança dos historiadores, pois estes consideravam que o relato da vida de um indivíduo não poderia ser objeto de um autêntico trabalho de historiador. Portanto, a inclusão da biografia no campo da história foi uma evolução reveladora das questões inerentes à disciplina. Se, para alguns especialistas, o gênero representa hoje a quintessência da abordagem histórica, é sinal de que alguns dos pressupostos fundamentais da história como ciência humana passaram por uma redefinição profunda: a articulação entre o geral e o singular, a relação do indivíduo e da sociedade, a parte de necessidade e contingência. (CADIOU, 2007, p. 187).

Nesse sentido, portanto, é que desenvolvemos nosso estudo, relacionando o personagem e obra analisada em função de seu respectivo contexto. Trata-se, realmente, de um pressuposto simples para o empreendimento de uma análise, mas que geralmente se faz ausente em muitos trabalhos acadêmicos, os quais simplesmente esquecem sua vertente investigativa em função de um mero acúmulo de informações generalizantes e muitas vezes

anacrônicas. Pois bem, adentramos a biografia de Anna Comnena. Nascida em Constantinopla no ano de 1083, era filha do imperador Alexius I Comneno (1057-1118). Essa informação deve ser ressaltada, pois foi ela a responsável por continuar e finalizar a *Alexíada*, obra que foi iniciada por seu marido Nicephorus Bryennius que morreu por volta de 1137. De fato, a referida obra, dividida em quinze capítulos, traz em seu âmago a história das conquistas de Alexius I contra os normandos e turcos.

Era a imperatriz Irene Ducas (1066-1133) que comandava as decisões internas do Império bizantino ao lado de sua filha Anna no período em que Alexius estava envolvido com suas batalhas. No entanto, depois da morte do marido, Irene não concedeu ao seu filho primogênito, João, o direito de herdar o trono, pois ela e Anna desejavam que Nicephorus Bryennius fosse considerado o sucessor legítimo. Entretanto Alexius, em seu leito de morte, pediu para que João se auto proclamasse imperador de Bizâncio. Assim foi feito e, no ano de 1118, João Comneno coroa a si mesmo imperador na Igreja de Santa Sofia, promovendo a saída de sua mãe da cena política, a qual se retirou para um mosteiro fundado por ela mesma em Constantinopla. Anna Comnena, depois da morte do marido e diante da atitude tirânica de seu irmão, se retira em um convento na região de Constantinopla, momento e oportunidade na qual terminou a obra *Alexíada*.

Vejamos, a *Alexíada* é uma obra que foi escrita em língua grega, possui um estilo imperial, ou seja, que resguarda essencialmente a memória daqueles que viveram com Alexius e que desejavam atribuir um tom “heróico” para suas façanhas, as quais envolvem lutas contra os normandos e turcos. Alexius participou ativamente da Primeira Cruzada e Anna foi testemunha desse tempo de conflitos advindos da latinidade contra os islâmicos.

Alexius I enfrentou por longo tempo vários ataques normandos, liderados por Robert Guiscard e seu filho Boemund (LEMERLE, 1991, p.93). As ofensivas se iniciaram a partir de 1081 e perduraram até a morte de Guiscard, em 1085. Já sua ida às Cruzadas, outro momento de participação militar do Imperador Alexius, estava muito mais relacionado ao contexto que surgia a partir do século X: a população latina aumentou consideravelmente, fato que promoveu (principalmente aos que não eram primogênitos) uma saída: “tentar a sorte na vida”, ou seja, na melhor das hipóteses uma via para canalizar a violência e entrar para as expedições rumo à Terra Santa (Jerusalém), na Palestina, para lutar contra os habitantes daquela região, os islâmicos, em busca de riquezas, terras e da redenção dos seus pecados.

Outra motivação para o começo da ação cruzadística no Oriente foi o estímulo promovido pelo papa Urbano II no Concílio de Clermont em 1095, no qual conclamou todos os cristãos a se unirem para lutar contra o islâmico, o também chamado pelos cristãos, de

forma pejorativa, “mouros” e “infiéis”. Lembremos que o homem medieval, seja ele muçulmano, bizantino, judeu ou cristão, tinha uma mentalidade guiada pela religiosidade e pelo sentido de viver em coletividade. Os principais motivos do papa Urbano II conclamar a Primeira Cruzada foi devido ao apelo do imperador bizantino Alexius I em defender seus territórios contra os turcos, bem como o próprio desejo do papado em resolver o Grande Cisma do Oriente (1054), que dividiu a cristandade em: a Igreja Católica do Oriente (Igreja Ortodoxa com sede em Bizâncio) e Igreja Católica Romana (com sede em Roma). Em suma, o papa Urbano II desejava unificar novamente a cristandade tendo a prerrogativa de combate a uma força externa: o muçulmano. Em 1099 os cruzados tomaram a cidade de Jerusalém sob a autoridade de Godofredo de Bulhão, este que jurou prestar homenagem à Alexius I. Além das conquistas de Edessa, Trípoli e Antioquia, Godofredo reconquistou para Alexius a importante cidade de Nicéia. Por conta da perda em seguida do condado de Edessa para as forças islâmicas, foi posteriormente conclamada a Segunda Cruzada em 1147.

Anna Comnena, testemunha bizantina dos fatos acima mencionados (os quais iriam atingir o historiador Ibn Al Qalanisi na Síria), teve desde sua infância uma educação particular ministrada por mestres que lhe ensinaram a língua grega, a ortodoxia cristã e a história, geografia e literatura gregas. Estava, portanto, no meio de recepção da transladação dos estudos. Atesta isso também o fato de que, após a decepção com a auto proclamação de seu irmão como imperador, Anna promoverá encontros de sábios para discutir, principalmente, Aristóteles. Nesse aspecto, Anna provavelmente teve por inspiração sua mãe Irene, a qual lhe motivou aprimorar o intelecto através dos estudos. Interessante que Anna põe em prática e testa seus conhecimentos no momento que se segue à morte de seu marido, Nicephorus Bryennius, fato que provavelmente lhe deixou desimpedida e com liberdade para escrever, contando ademais sua proteção em um mosteiro.

Pois bem, o que chama nossa atenção quando debatemos a obra de Anna Comnena é a influência recebida por ela de autores como Tucídides, Políbio, Posidônio, Cássio Dio, Plutarco e Xenofonte, entre outros. Por exemplo, se compararmos a escrita de Anna (conseqüentemente a de Bryennius também) durante a *Alexíada*, entrevemos um estilo narrativo que propõe evidenciar uma trajetória de vitórias por parte de Alexius em suas diversas batalhas, modelo que não foge à tradição grega de Xenofonte em sua *Anábase*. Corroborar nesse mesmo pensamento, sobre a decisiva influência grega sobre Anna Comnena, o historiador Emilio Diaz Rolando, o qual considera a historiadora bizantina uma amante do conhecimento grego, tendo em vistas as várias menções implícitas e explícitas que realiza ao longo de sua obra:

[...]Tras la lectura de las obras de Tucídides y de Ana Comnena surge la pregunta de hasta dónde llega esa influencia, una vez comprobado que Tucídides es el historiador clásico que más veces aparece citado en los trabajos relacionados con la Alexíada como su más directo modelo, sin que la autora lo nombre ni una sola vez. Resulta curioso tanto más cuanto que en varias ocasiones nombra a personajes de la antigüedad, ya sean históricos, ya sean filósofos, oradores o dramaturgos, sin olvidarnos, en esta línea, de Homero, el autor más veces citado en la Alexíada. Con el objeto de demostrar su formación intelectual y literaria, observamos cómo la princesa comunica al lector con especial interés que está citando, sin añadir forzosamente el nombre del autor que cita. A veces inserta frases del estilo de "según dice la tragedia"según palabras de Aristófanes", "como decía Homero "como decía la amable poesía",entre otras muchas(DIAZ ROLANDO,1992, p.30).

Sem dúvidas a proposta de escrita da história formulada por Tucídides será uma grande fonte de influência ao longo da Antiguidade e do Medievo para todos aqueles interessados na investigação do passado. Seu modelo, podemos caracterizar, contempla uma dimensão política e militar dos acontecimentos, tendo por objetivo irrestrito a narrativa da verdade. Nesse sentido, o historiador Diaz Rolando indica aproximações e afastamentos entre a escrita da história de Tucídides e de Anna Comnena:

[...]Como siempre, Tucídides no se dirige a nosotros directamente; él deja hablar a los hechos y a las personas que pronuncian los discursos; como siempre, Ana Comnena nos habla directamente a los lectores y, para que no haya dudas, nos recalca su visión de las cosas. Ambos autores, cada uno en su medida y de acuerdo con sus constantes estilísticas y metodológicas están surcados de un patetismo que aflora aquí y allá. Tanto en el ateniense como en la princesa, sin embargo, esta extraña mezcla de patetismo, tragedia y pesimismo se dirigen como líneas paralelas y subyacentes al grueso de lo que constituye el centro de interés(op cit,1992, p.40).

Ademais de possíveis paralelismos, torna-se um interessante indicativo verificar de que modo a própria historiadora bizantina apresenta sua obra, por isso vejamos o teor de seus comentários no prefácio da *Alexíada*:

O fluxo do Tempo, irresistível, sempre em movimento, leva embora todas as coisas que nascem e nos mergulha em completa escuridão, tanto as obras sem conta e as obras que são poderosas e dignas de comemoração; como diz o dramaturgo, 'é o que traz à luz o que era invisível e amortalha o que era manifesto' (Sófocles, *Ajax*). No entanto, a ciência da História é um baluarte contra esse grande fluxo do Tempo, de uma forma que ele verifica essa torrente irresistível, que possui em um instante tudo o que puder aproveitar a flutuar na superfície e não irá permitir-lhe escapar às profundezas do Esquecimento(COMNENA, 2002, p.17).

Anna Comnena apresenta uma interessante observação inspirada, no que faz menção a autora, em Sófocles: o tempo, fluxo contínuo de acontecimentos, leva em sua passagem a memória daquelas obras que seriam dignas de comemoração, ou seja, de memória por parte dos homens. No entanto, Anna sinaliza que a História, enquanto ciência, é um instrumento

contra esse fluxo do tempo, pois que objetiva resguardar em si os fatos e preservá-los do esquecimento. Não estranhemos, a influência de Heródoto se faz sentir nesse momento, principalmente porque foi o grego de Halicarnasso que, ao escrever sua obra historiografia, propunha evitar que, com o tempo, os feitos humanos caíssem no esquecimento e que as grandes ações do homem não permanecessem sem o devido destaque (HERODOTO, 1977, P.85). Em seguida, dando continuidade ao seu prefácio, a princesa bizantina se apresenta pessoalmente e nos indica que é uma pessoa de grande conhecimento e valor para sua sociedade:

[...]Eu, Anna, filha do Imperador Alexius e da Imperatriz Irene, nascida e criada na Púrpura, não sem alguma familiaridade com a literatura - tendo se dedicado ao estudo mais sério da língua Grega, na verdade, e que não pode ser inexperiente em Retórica e tendo lido os tratados de Aristóteles e os diálogos de Platão, e tendo em mente fortificada através do *Quadrivium* nas ciências (essas coisas devem ser divulgadas, e não é auto-propaganda para lembrar qual é a Natureza e o meu próprio zelo de conhecimento assimilado, nem o que Deus deu a mim de cima e que foi contribuído pela Oportunidade); Eu, tendo percebido os efeitos produzidos pelo Tempo, desejo agora, através dos meus escritos dar conta das obras do meu pai, que não merecem ser dadas ao Esquecimento, nem de ser varrida pelo dilúvio do tempo em um oceano da não Lembrança (COMNENA, op.cit., p.17).

De acordo com o trecho acima, Anna se apresenta como a filha legítima do imperador Alexius e da imperatriz Irene, mas reforça sua autoridade para a escrita da obra é justificando sua erudição, ou seja, uma integridade intelectual, aspecto que novamente remete aos clássicos da tradição grega¹. A autora demonstra primeiramente que é familiarizada com a literatura e que possui um sério estudo da língua grega. Anna em tom grave nos indica que não poderia desconhecer a arte da Retórica, tendo lido os tratados de Aristóteles, os diálogos de Platão e aprender bem as artes do *Quadrivium* (a geometria, a aritmética, a astronomia e a música). É importante ressaltar a preocupação de Anna em ressaltar, singelamente, que sua vida foi uma atribuição de Deus, sendo por isso que lhe chegou a oportunidade de escrever a presente obra. De fato, a preocupação da princesa bizantina está exatamente, como vimos no parágrafo anterior, com o fluxo do tempo: ela deseja resguardar a memória de seu pai do esquecimento. Tal empreendimento, concluído em um momento que já se afastara dos círculos do poder, pode ser entendido como uma forma de manifestação e reforço, perante os leitores e ouvintes de sua obra, do vínculo dela, bem como de sua mãe e marido, para com o seu pai e os feitos do mesmo. Por isso é que Anna enfatiza a dignidade das ações empreendidas por seu pai, atribuindo à escrita da história, sempre preocupada com a verdade e grande suporte para os exemplos do passado, o dever intrínseco de resguardá-los.

Portanto, no presente estudo, não deixamos de entrever a importância, em nossa investigação do passado, de um estudo que relacione o personagem, a obra e contexto que estão em análise. Anna Comnena é uma historiadora que teve sua erudição condicionada ao ambiente de recepção da tradição clássica, em função do movimento da transladação dos estudos. Sua concepção de história, portanto, com as devidas particularidades em relação ao tema, é muito próxima em relação àquela dos gregos antigos. Mas claro, foi o seu contexto que lhe motivou a escrever sua obra, por dois motivos principais: a continuidade do trabalho de seu marido, Nicephorus Bryennius, e o desejo de resguardar a memória dos feitos de seu pai, Alexius, reforçando seu vínculo para com ele. É desse ambiente, fruto de circunstâncias próprias, que Anna Comnena contribuiu com sua obra para nosso entendimento do pensamento historiográfico bizantino e, conseqüentemente, medieval, o qual se relacionava aos pressupostos clássicos, mas não apenas lhes reforçando, mas sim os transformando e adaptando à nova realidade do período.

Referências bibliográficas

- CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. *Como se faz a história: Historiografia, método e pesquisa*. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COMNENA, Anna. *Alexiad*. Edição de E.R.A. Sewter. London: Penguin Classics, 2003.
- DIAZ ROLANDO, Emilio. Ana Comnena y la historiografia del período clasico: aproximacion a un debate. *Erytheia*, Sevilha: UCM, 13, pp.29-44, 1992.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GUTAS, Dimitri. *Greek thought, Arabic culture: The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early Abbasid Society (2nd-4th/8th-10th centuries)*. New York: Routledge, 1999.
- LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Tradução de Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEÓN FLORIDO, F. *Translatio studiorum: Traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media*. Revista General de Información y Documentación. Madrid: UCM, vol.15, n.2, pp.51-77, 2005.
- LIBERA, Alain de. *A Filosofia Medieval*. Tradução de Nicolas Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, G.; ARIÈS, P.; LADURIE, E.; LE GOFF, J.; *História e Nova História*. Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, pp.33-42, 1986.

SCHMITT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.19, pp. 1-17, 1997.

Notas:

¹Lembremos que a autenticidade do relato do historiador na antiguidade grega e romana repousava essencialmente “na sua capacidade de realizar uma seleção judiciosa do material reunido (oral ou escrito) a fim de fundamentar sua narrativa no que lhe parecesse verossímil. Era a integridade intelectual do historiador transparente em seu texto (verossimilhança, coerência, não contradição) que garantia a veracidade dos fatos relatados” In: CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne; SANTAMARIA, Yves. *Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa. op. cit.*, p. 24